

orden ordenado, salva de la sombra y del olvido a los hombres de Cortés, con sus defectos y cualidades, sus miedos y sus virtudes. De esta manera, señala también Howden Smith, ejemplifica la “democracia militar” que caracterizó la conquista de América.

Orquera analiza, asimismo, la historia del cautivo Jerónimo de Aguilar y Gonzalo Guerrero, donde la crítica ha querido ver los primeros síntomas de mestizaje y de transculturación entre conquistadores y conquistados, así como el problema del intérprete, en este caso, Malintzin o doña Marina, como se conoció a la faraute cortesana.

El libro de Orquera cierra con una consideración sobre la desilusión bernaldiana como prefiguración del Barroco. Acaso fuera parte de la crisis de conciencia conquistadora, por haber destruido toda una cosmovisión a la que no entendió y no quiso entender. Sin embargo, la obra de Bernal no es marginal en el discurso de la Historia de México. Si bien es una narrativa que confronta a Gómara, a Cortés, a los humanistas, toda su subalternancia pertenece al discurso conquistador. Literariamente, la Historia de Bernal ataca el discurso letrado de la conquista; desde el punto de vista histórico Bernal, Cortés y Gómara son artífices de la misma visión conquistadora, hispanista y defensora de la destrucción del mundo prehispánico en aras de la conversión. Y la *Historia verdadera* de Bernal, más humanizada, menos heroica que las otras dos, tampoco es tan verdadera como se pretende e, ideológicamente, pertenece al lado hispano.

El verdadero discurso marginal de la conquista de México sobrevive en pedazos, como las ruinas de los antiguos templos. Por ejemplo, en la obra de Fernando de Alva Ixtlilxochitl, heredero del rey Nezahuacoyotl, debería ser estudiada con más credibilidad y desde nuevos puntos de vista. Así también en el libro XII de la *Historia general de las cosas de la Nueva España* (aunque filtrado por la pluma religiosa de Sahagún), o el manuscrito que se conoce como los “Cantos tristes de la conquista” que Miguel León Portilla incluyó en

la *Visión de los vencidos*. Estos tres textos, entre otros —y de manera fragmentaria— nos dan retazos de la visión marginal de los mexicanos vencidos y no de los vencedores. En realidad, Bernal Díaz y muchos de los soldados-cronistas, se quejaban por no haber recibido lo que les tocaba en cuanto a la repartición de indios y escribían a la Corona española para que les dieran lo que “merecían” por haber conquistado y destruido a la nación mexicana, pero de ninguna manera cuestionaban el valor de su gesta militar y “religiosa”.

El libro de Orquera, finalmente, presenta un detallado acercamiento literario a la obra más popular sobre la conquista de México, desde la visión hispanista, conquistadora. Pero la visión marginal de dicha historia, a pesar de todo y del tiempo que ha pasado, está todavía por escribirse.

Arturo Dávila S.

Universidad de California, Berkeley

**Leopoldo M. Bernucci. *A Imitação dos Sentidos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.**

Mesmo depois de quase cem anos da sua publicação, *Os Sertões*, parafraseando o próprio Euclides, continua um forte. A comprovação disto é a recente publicação do livro do crítico Leopoldo M. Bernucci *A Imitação dos Sentidos*, cuja preocupação maior é discutir a mimese ou o processo imitativo na obra de Euclides da Cunha. Na sua abordagem o crítico procura mostrar como Euclides, a partir da impossibilidade de captação do seu objeto de representação (Canudos), constrói o seu relato baseando-se nos sentidos que outros escritores atribuíram a esta realidade. O livro mostra como o modelo interpretativo de Euclides é constituído a partir de uma ordem variada de discursos sobre a guerra de Canudos (ficção, jornalismo, testemunhos orais), enfatizando sobretudo o permanente diálogo intertextual do relato euclidiano com obras que lhe são precursoras, contem-

porâneas e epígonas. Quanto à escolha dos autores estudados e à abordagem temática, mais do que buscar ser original, *A Imitação dos Sentidos*, como diz o crítico, visa atualizar o debate de questões importantes em torno da obra de Euclides e oferecer-lhe uma perspectiva nova (25).

Se no texto euclidiano revela-se um desejo de construção de um relato sobre a alteridade -- o Sertanejo, o Outro --, o livro de Leopoldo M. Bernucci sobre *Os Sertões*, numa espécie de arqueologia textual, pode ser visto como o desejo de revelar as articulações íntimas da gênese e da circulação através dos tempos desse mesmo relato e a sua relação com o Outro como realidade textual. Seria dizer, a obra crítica de Bernucci trata da própria alteridade de *Os Sertões* enquanto discurso, as suas relações com o Mesmo -- no caso, Euclides-escriptor -- e o Outro, ou seja, toda produção discursiva com a qual o texto possa ter mantido diálogo.

O livro consiste de oito ensaios de natureza comparativa nos quais o autor procura trilhar os caminhos do relato euclidiano e a publicação de um manuscrito inédito de Euclides da Cunha. No grupo de ensaios o que se observa é a tentativa de se estabelecer as relações intertextuais de *Os Sertões* em dois momentos distintos. O primeiro deles é a relação do texto euclidiano com um grupo de escritores cujos relatos apontariam para sua origem textual (Victor Hugo, Domingo F. Sarmiento, Afonso Arinos). No segundo momento o livro de Bernucci toma uma outra via procurando marcar com isto uma mudança na natureza do relato: Euclides passando de uma ordem imitativa para uma ordem de imitação, de imitador a imitado (o termo "imitação" aqui é usado como sugere o autor no prefácio do livro, como sendo uma imitação marcada pela contribuição pessoal e enriquecedora tanto do relato quanto do sujeito que o produz). Logo, o que passa a ser colocado em jogo já não é mais a origem de *Os Sertões*, mas *Os Sertões* como origem textual ou iluminadora dos escritos de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos.

O capítulo inicial, "O Impasse Euclidiano", trata da natureza ambígua de *Os Sertões*. Isto é, a oscilação do escritor entre a objetividade racional-científica e a ficcionalidade na construção do relato. O crítico detém-se preliminarmente na conhecida indagação de ordem genérica que orienta grande parte da crítica euclidiana desde a publicação de *Os Sertões*. Ou seja: dada à "natureza bárbara do relato", no que se refere à sua composição textual heterogênea, em que espaço discursivo situá-lo? Obra sociológica ou relato ficcional? Ao levantar a questão Bernucci se situa numa longa tradição crítica que procura rastrear o tema da ficcionalidade em *Os Sertões*, protagonizada por Afrânio Coutinho, Olímpio de Sousa Andrade, M. Cavalcanti Proença, Franklin de Oliveira e Luiz Costa-Lima. Mais do que definir o gênero, a proposta do crítico é "mostrar como" o ficcional se manifesta na obra de Euclides. Para isto Bernucci procura com a sua análise revelar os recursos expressivos ou estilísticos que estariam mesclados ao discurso histórico-sociológico de *Os Sertões*, dentre os quais poderia se citar o dramatismo presente no texto, o jogo retórico de fortes contrastes, as contradições internas do discurso, o suposto exagero nas descrições, o uso de diferentes pontos de vista na construção do relato, e a incorporação de formas populares. Segundo o crítico, estes componentes enunciadores do ficcional presentes no estilo e na sintaxe apontariam para a motivação literária natural do escritor que estaria por superar a sua veia sociológica. O dilema parece resolver-se assim na aceitação da construção híbrida do relato euclidiano entre o ficcional e o histórico, numa espécie de "entre-lugar" do discurso de *Os Sertões*.

Em "A Nossa Vendéia", o ensaísta discute ou atualiza, como diz ele, a relação intertextual entre Euclides e Victor Hugo. Bernucci analisa o germe da composição de *Os Sertões* a partir de dois ensaios de Euclides sobre Canudos, ensaios estes que levam o mesmo título de um texto de Victor Hugo. Diferentemente dos críticos que antes abordaram o tema, mais do que aproximar

o motivo comum aos dois escritores, Bernucci estuda o funcionamento da Vendéia como tropo dentro da construção representacional de Canudos na sua ordem de similaridade e diferença. O crítico mostra como a escolha do tropo se complica nos dois artigos de Euclides, salientando a sua instabilidade e aplicabilidade como analogia válida, adiantando assim uma negação que só em *Os Sertões* viria a ser observada e discutida por grande parte da crítica euclidiana. Segundo Bernucci, ocorreria uma oscilação entre símile e metáfora em tais escritos de Euclides, o que seria um reflexo de uma crise na escritura no seu valor de uso para representar ou ser aplicada ao caso de Canudos. O paralelismo que se estaria buscando entre a Vendéia e Canudos estaria minado ou marcado por certa impossibilidade que se observa na oscilação entre a semelhança/símile (Canudos-como-Vendéia) e a identidade/metáfora (Canudos-Vendéia), apontando assim os limites da figura na construção do discurso.

Ainda neste mesmo capítulo a leitura que Bernucci faz de Euclides e Victor Hugo continua por aproximar os dois escritores em termos de uma mesma concepção mimética (Quatrevingt-treize) e do plano estrutural comum da primeira parte de "En Vendée" e *Os Sertões*, além da caracterização dos personagens, da presença do elemento oral no relato, e da visão da natureza. Segundo o crítico essa afinidade temática traduzida na cor local, no exotismo, na construção maniqueísta dos personagens (o Bem e o Mal), dentre outras seria o peso de um Romantismo tardio a que Euclides não pôde escapar. E daí, a sua escritura híbrida: mescla do romântico com o naturalista.

Em "Um Continente Chamado América Latina" Bernucci examina a relação intertextual entre Sarmiento e Euclides. O ensaio começa salientando a dificuldade de definição de *Os Sertões* e *Facundo* no que se refere ao gênero das duas escrituras: mescla de estudo etnográfico com estudo histórico-sociológico. Contudo, mais do que voltar à questão do impasse, o crítico discute de que maneira a hibridiz genérica aponta pa-

ra um problema da ordem da recepção, privilegiando com isto o lugar do leitor ao enfatizar as "químicas que estariam por ocorrer durante o ato de leitura" de textos híbridos como *Os Sertões* e *Facundo*. Ou seja, de que maneira seria possível "entrar" num texto cujas "portas" são variadas? Primeiramente contribuiria para isto a espécie de discurso de mão-dupla que caracteriza o relato do escritor argentino e do brasileiro, oscilando entre o plano pragmático (denúncia do barbarismo do interior dos dois países) e o estético (o realce na representação da natureza e dos ambientes), sem deixar de considerar as visões distintas do lugar da ficção para os dois escritores. Esta constatação, segundo Bernucci, implicaria numa crise do sujeito escritor ao confrontar o seu modo de representação: relato histórico-científico ou relato ficcional? Saliencia-se com isto a preocupação do narrador com a verossimilhança, observada nas constantes justificativas do modo de escritura frente ao leitor, isentando-se assim de possíveis incoerências presentes no discurso. O ensaísta vê na singularidade dessa escritura híbrida, "na concessão feita à imaginação, que agora habita o terreno da história" (43), um fator fundamental na recepção, ressaltando o valor adquirido por tais textos na sociedade, e que estaria por dar tanto a Euclides quanto a Sarmiento um lugar de enunciação privilegiado dentro do espaço social no qual estão inscritos como sujeitos escritores. Seria dizer, dentro de uma ordem variada de textos sobre Canudos, por exemplo, o relato euclidiano ganha popularidade e valor de representação.

"Da Crônica ao Livro" é um ensaio que trata da importância das crônicas sobre a guerra, do jornalismo na composição do relato sobre Canudos. Neste capítulo Bernucci procura mostrar como o relato euclidiano dependeu, a princípio, da palavra escrita (telegramas, cartas) para a sua constituição. Aqui a ênfase recai sobre a consciência estética do escritor no seu processo de imitação. Ou seja, a necessidade de um intenso trabalho sobre o texto que serve de base a Euclides, numa reconstrução ou reescritura contínua do pré-texto

até que esse adquirisse a forma final do relato desejado. Como lidar com a natureza efêmera do relato jornalístico, transformando-o numa escritura “eterna”, escritura-livro? O propósito do crítico é tratar da relação que Euclides estabelece com o Outro como realidade textual. Numa espécie de estética canibalesca: como lidar com o fator “originalidade”? Como fundir o texto original com o novo até que um “texto-outro” surja do encontro dos dois? O crítico nota nessa preocupação a evidência de uma consciência estilística que é capaz de deixar de lado mesmo a lógica interna do discurso para acentuar o labor da escritura sobre uma base textual supostamente objetiva que é o relato jornalístico. Tudo isto visto a partir de uma necessidade de legitimar o discurso próprio, amenizando assim a dependência de outros relatos.

A relação intertextual entre Euclides e Afonso Arinos é o tema central de “Os Palimpsestos da História”. Neste ensaio, o crítico procura marcar o lugar dos dois escritores no final do século passado, ressaltando sobretudo os seus diferentes campos de atuação intelectual – jornalismo e literatura. Além de discutir as suas posições ideológicas, Bernucci mostra de que maneira um e outro cotejam temas como o fanatismo, as construções antinômicas (civilização versus barbárie, campo versus cidade, atraso versus progresso), e as implicações ideológicas na definição do lugar do sertanejo no projeto de nação brasileira nos fins do século XIX. A análise orienta-se principalmente para assinalar o vaivém intertextual entre *Os Sertões* e *Os Jagunços* de Afonso Arinos, além de outras fontes que lhe tenham servido de base de composição textual, tais como os jornais e o “Relatório” de Frei Evangelista de Monte Marciano, um dos primeiros documentos sobre Canudos. Enveredando-se por caminhos já percorridos anteriormente, a proposta do ensaio é complementar o corpus crítico já existente sobre o assunto, procurando “reparar eventuais deslizos ou imprecisões” de outros (71).

“O Bicho-Preguiça da Fábula” trata de certa tradição literária brasileira

nascida com o Romantismo e que se estende até o Modernismo, cuja temática privilegia o tipo rural, às vezes dentro de um sistema de representação sério, outras vezes satírico. O propósito do estudo é aproximar Euclides (com o sertanejo, o seringueiro nos seus escritos sobre a Amazônia) e Monteiro Lobato (com a figura do caboclo, do caipira). Bernucci propõe uma leitura dos relatos de Lobato como uma iluminação da obra de Euclides, enfatizando a coincidência temática e sobretudo o impacto da impressão da natureza sobre o olhar dos dois. Ressalta-se ainda a consciência estética de ambos, como por exemplo, a crítica de Lobato ao perigo esteticista da representação do tipo interiorano (cristalização típica da estética romântica) e a dificuldade inevitável de um discurso que busca representar, exemplificado pela ambiguidade presente no relato euclidianos.

No ensaio “Os Avatares do Naturalismo”, o autor procura, a partir das escassas crônicas e entrevistas de Graciliano Ramos, rastrear possíveis intertextos que possam iluminar a narrativa do autor de *Vidas Secas*. O propósito do capítulo é re-localizar o texto de *Vidas Secas* não dentro do modelo estético regionalista mas dentro de uma estética neo-naturalista. Para Bernucci há na adesão de Graciliano à tradição um desejo também de superação da mesma, do qual o afastamento do exotismo típico da estética regionalista seria um exemplo. Também estariam contribuindo para isto a diminuição da distância entre o narrador onisciente e o objeto narrado (narrador e personagem se confundem na mesma desgraça), ou ainda o uso da técnica do fluxo de consciência e do discurso indireto livre. O ensaio revela ainda certas coincidências temáticas entre Graciliano e Euclides, tais como a presença do elemento naturalista, em particular o determinismo e a hereditariedade, ressaltando a complexidade das visões tanto de Graciliano quanto de Euclides das realidades que narram (o determinismo crítico, de denúncia social). Seguindo outros críticos que anteriormente procuraram aproximar Graciliano de Euclides, Bernucci enfatiza a hibridez

genérica de *Vidas Secas* (conto/romance) e a possível concepção do personagem Fabiano a partir de uma leitura do sermão de Euclides.

"Rasuras com Classe" fecha o grupo de ensaios apresentando um manuscrito de Euclides da Cunha, códice inédito que se encontra na Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro. Aqui Bernucci explica a gênese ou o achamento daquele que seria, segundo ele, baseado nos temas tratados em outros textos por Euclides, possivelmente uma das últimas versões manuscritas de *Os Sertões*. Além de assinalar as dificuldades de estabelecer o manuscrito como texto, o crítico também enfatiza a sua relação com textos anteriores de Euclides -- o que pode ser visto nos comentários de Bernucci no próprio corpo do manuscrito.

*A Imitação dos Sentidos* é um livro de importância fundamental sobre *Os Sertões*, e sobre Euclides. O seu valor recai sobretudo no olho atento do crítico na sua aproximação do relato euclidiano com as outras obras estudadas e, sem dúvida, no seu conhecimento profundo das fontes, no trabalho metódico de pesquisa textual e estabelecimento do manuscrito de *Os Sertões*. Talvez devido ao caráter geral do livro algumas considerações merecessem ser feitas a respeito da rapidez e generalização de certas comparações, como por exemplo a que é feita entre Euclides e Sarmiento. Falta ao ensaio uma problematização maior, fora do puramente estético, textual. Adicionaria a este trabalho uma visão da escritura como espaço de enunciação para o sujeito escritor, na utilidade da ficção como determinada prática social numa sociedade nos fins do século XIX, como sugere Julio Ramos no seu livro *Desencuentros de la modernidad en América Latina*, ou mesmo Walnice Nogueira Galvão em seu ensaio sobre Euclides publicado em *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. Ou, ainda numa abordagem mais voltada para o caráter estético, por que não enfatizar mais o valor das fontes, da imitação enquanto prática dentro de uma ordem social (Costa-Lima)?

Contudo *A Imitação...* é um livro provocativo e interessante. Ao lidar com o

dinamismo da escritura através dos tempos como projeto final o livro aponta para uma espécie de tautologia circular na qual o sentido de origem primária ou de originalidade de determinado texto estaria por perder-se para dar lugar a um "novo texto", e assim sucessivamente. A sua vértebra é, poder-se-ia dizer, um esforço para encontrar "o lugar e o não-lugar" do texto euclidiano dentro de várias ordens discursivas sobre a alteridade: Outro-texto.

Vivaldo A. Santos

Universidade da Califórnia, Berkeley

**Meyer, Doris, ed. *Reinterpreting the Spanish American Essay. Women Writers of the 19th and 20th Centuries*. Austin: University of Texas Press, 1995.**

**Meyer, Doris, ed. *Rereading the Spanish American Essay. Translations of 19th and 20th Century Women's Essays*. Austin: University of Texas Press, 1995.**

Transcurrirá un poco tiempo y de nada les servirá á algunas instituciones intelectuales como la Real Academia Española, el cerrar sus mamparones al genio y á la gloria por solo el motivo de que van encarnados en cuerpo de mujer.

[ . . . ]

La atmósfera estaba saturada por el alito de ese Leviatán que surca los mares de la civilización impulsado por el fósforo del cerebro, dirigido por las pulsaciones de la sangre rica en glóbulos rojos, y se encamina á ese punto luminoso que vislumbramos en los horizontes de la idea sin sexo, del pensamiento sin vallas que le detengan. (el subrayado es nuestro)

Clorinda Matto de Turner, "La mujer en el Ateneo Argentino", *Búcaro Americano*, marzo 15, 1896.

Es irónico que, precisamente después de un largo siglo que tanto Clorinda Matto de Turner como muchas otras escritoras de su época se dedicaran a escribir ensayos reclamando sus derechos como intelectuales, entre otros y,